
***Fake News* na mídia online de Ilhéus/BA: levantamento preliminar¹**

Joseline Pippi²

Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB

Resumo

São apresentados os resultados de levantamento exploratório realizado em websites e blogs noticiosos da cidade de Ilhéus (BA) com o objetivo de mapear a presença da desinformação. Busca-se compreender como e em quais circunstâncias o assunto é abordado. Os textos selecionados foram submetidos à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) e classificados a partir da taxonomia da desinformação (LESHER; PAWELEC; DESAI, 2022), gêneros e formatos jornalísticos (MELO; ASSIS, 2010) e fontes de informação (ERBOLATO, 2006). Como resultados, destacam-se: sazonalidade do tema (maior número de publicações nos anos eleitorais), presença de notas oficiais (instituições públicas) e forte apelo sensacionalista, abordagem que reforça o tratamento episódico do assunto, vinculando o assunto a boatos originados principalmente nas redes sociais.

Palavras-chave: *fake news*; imprensa local; noticiário online; mídia interiorana.

Fake News na mídia ilheense

Fake news figurou como a palavra do ano em 2017 no dicionário britânico Collins. Inicialmente definido como informação falsa, sensacionalista, divulgada como notícia, as métricas de menção ao vocábulo indicaram aumento de 365% no mesmo ano (BBC, 2017). Nos anos seguintes, o uso dos diferentes formatos noticiosos em estratégias de desinformação tornou-se bastante comum. No Brasil, seu uso amplificou-se a partir das eleições presidenciais de 2018, sendo acentuado durante a pandemia. Fenômeno acompanhado como manchete nos jornais do país, também se espalham na mídia de cidades interioranas, embora nem sempre mostrem uma definição elucidativa do que sejam as *fake news* ou suas reais consequências sejam debatidas na esfera pública local. O objetivo do levantamento foi compreender o que é *fake news* para a imprensa local da cidade de Ilhéus (BA).

A metodologia adotada foi a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), empregada na descrição e classificação dos 17 textos integrantes do recorte conforme três critérios principais: a taxonomia das informações falsas, os gêneros e formatos informativos e as

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Extensão Rural, professora do Bacharelado em Mídia e Tecnologia (BMiT) da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB. E-mail: josipippi@ufsb.edu.br.

fontes consultadas e/ou citadas. Os textos selecionados foram escolhidos por fazerem menção direta ao termo “*fake news*”, foram publicados em nove websites e blogs noticiosos no período de 2019-2025. A taxonomia das informações falsas (LESHER; PAWELEC; DESAI, 2022) estipula cinco categorias: a) desinformação; b) informação enganosa; c) decepção contextual; d) propaganda; e, e) sátira. Quando da análise dos textos, verificou-se que a taxonomia escolhida refletia em parte a realidade das publicações da imprensa local, visto que a maioria dos textos referendados como *fake news* é constituída por notas de esclarecimento de informações falsas. Isso pode indicar a necessidade de uma outra classificação taxonômica.

Não foram verificadas quaisquer menções de sentido, significado ou aproximação vocabular entre o termo *fake news* e o termo desinformação no recorte catalogado – o que pode indicar a existência de uma apropriação local da terminologia, já que o anglicismo é comumente reiterado como sinônimo de informação falsa na mídia local.

Em se tratando dos gêneros e formatos (MELO; ASSIS, 2010), verificou-se nove ocorrências do formato nota de esclarecimento (formato serviço); sete ocorrências do gênero informativo (notícia) e uma ocorrência do gênero opinativo (editorial). Ressaltam-se duas peculiaridades das notas: a) os *websites* e *blogs* prestam serviço como espaço para o “desmentir” de informações falsas que circulam nas redes sociais – de onde se originam os boatos; b) as notas são publicadas em sua integralidade, não havendo acompanhamento dos episódios ou apuração jornalística dos fatos e/ou acontecimentos (ou seja, não há trabalho e reportagem). Sobre as notícias publicadas, apenas dois casos abordaram o conceito de *fake news*, relacionando-o ao compartilhamento de informações enganosas. Em que pese o esforço dos órgãos públicos em divulgar informações sobre o que são *fake news* e como combatê-las, ações amplamente divulgadas na tentativa de conscientizar a população sobre o perigo de compartilhar informações que sejam falsas, ainda é necessário elucidar o real impacto da desinformação no contexto local.

A respeito das fontes de informação consultadas e citadas (ERBOLATO, 2006), Houve predominância das fontes de informação oficiais (produzidas por assessorias de órgãos públicos e figuras públicas do cenário político local ou regional). Ressalta-se que os “apedidos” (notas de esclarecimento) são em sua maioria assinados por órgãos públicos, recorrendo-se, dessa forma, à institucionalidade manifestada. A manifestação dessa forma ocorre como reação, nunca como ação que vise a coibir as práticas

desinformativas. As vozes que posicionam contra a desinformação não são de locais, mas sim de figuras públicas de projeção mais ampla (estadual, nacional).

Na mídia online de Ilhéus, o assunto *fake news* ganha as *webpages* por meio de notas oficiais de esclarecimento de informações falsas e enganosas amplamente divulgadas nas redes sociais. Trata-se, portanto, de uma mídia que empresta sua visibilidade para a reação a factoides que geram engajamento nas plataformas de mídias sociais. Por outro lado, quem fala sobre *fake news*, são agentes externos, pertencentes a contextos sócio-políticos mais abrangentes.

O recorte ora apresentado é reduzido, mas demonstrativo de como as *fake news* ainda carecem de elucidação para a população em geral, especialmente a respeito do impacto social que causam. O fato da mídia online de Ilhéus e região abrir espaço para “desmentidos”, tal qual mural de recados, reforça o vínculo da informação falsa às notícias, já que abre mão de abordar o tema a partir do viés jornalístico (inquiridor, investigativo e elucidativo). Ao ceder espaço a notas de esclarecimento sem debater o caráter da informação falsa, amplifica os boatos originados nas redes sociais, desconsiderando etapas importantes como averiguação e checagem das informações, comprometendo a credibilidade do veículo e abrindo mão de seu papel social de formadora de opinião crítica e reflexiva.

Referências

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

ERBOLATO, M. L. *Técnicas de decodificação em jornalismo*. 5.ed. São Paulo: Ática, 2006.

“Fake News” é eleita palavra do ano e ganhará menção em dicionário britânico. **BBC News Brasil**. 2 Nov. 2017. Online. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41843695>. Acesso em 12 Abr. 2025.

LESHER, M.; PAWELEC, H.; DESAI, A. **Disentangling untruths online**. OECD Going Digital Toolkit Notes, Nº 23. OECD Publishing: Paris, 2022.

MELO, J. M. de; ASSIS, F. (Orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo, SP: Editora da Umesp, 2010.